

CARTOGRAFIA DA CULTURA NAS OCUPAÇÕES DA IZIDORA

Resumo: Este artigo trata da cartografia realizada pelo grupo de pesquisa Indisciplinar junto a múltiplos atores da rede de apoio às Ocupações da Izidora (Rosa Leão, Vitória e Esperança). O trabalho foi realizado com objetivo de trazer à população um pouco da realidade vivenciada pelos moradores das ocupações e garantir troca de saberes como forma de tecnopolítica. Além disso, foi utilizado como base para criação de diretrizes para adequação do projeto de “Minha Casa, Minha Vida”, proposto pela empresa Direcional.

Palavras-chave: cartografia cultural; ocupações urbanas; copesquisa cartográfica; tecnopolítica; produção de conhecimento.

Resumo expandido:

1. Objeto: A Região da Izidora e um dos maiores conflitos fundiários do país

A Região da Izidora¹ (FIG. 01 e FIG.02), localizada no vetor norte da cidade de Belo Horizonte, a partir de maio de 2013, foi palco do surgimento de ocupações urbanas antrópicas de moradia, que receberam os nomes de Rosa Leão, Vitória e Esperança.

¹ “A Região da Izidora está localizada próxima à Cidade Administrativa e ao Aeroporto de Confins, na cidade de Belo Horizonte. Possui aproximadamente 10 km² de área, que englobam propriedade privada, propriedade do município de Santa Luzia, área de preservação ambiental e comunidade quilombola. Sua área verde é um dos maiores parques urbanos do mundo, um ecótono de Cerrado e Mata Atlântica, com cerca de 280 nascentes e 64 córregos, incluindo o Córrego dos Macacos, o último curso de água limpa da cidade de Belo Horizonte.” FONTE: <http://oucqh.indisciplinar.com/?page_id=696>

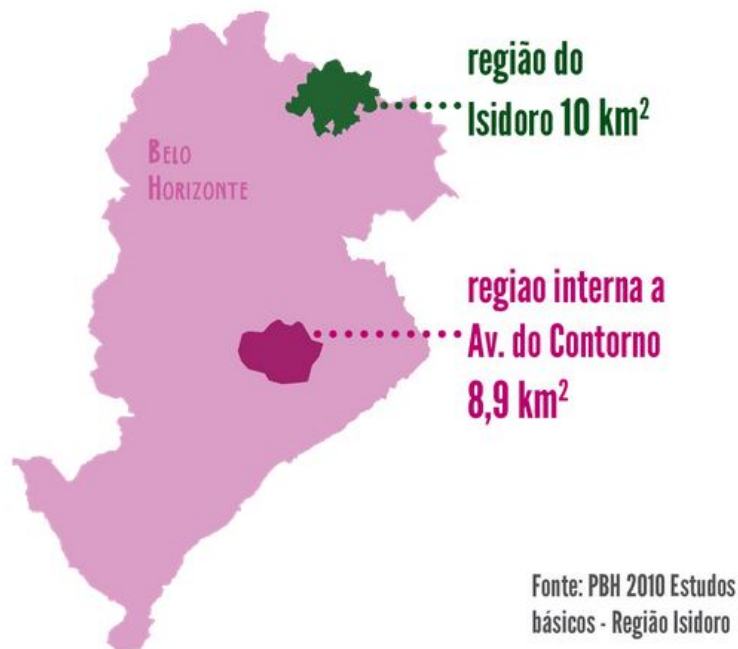


FIG. 01- Diagrama sintético da região da Izidora
 FONTE: <http://ouc bh.indisciplinar.com/?page_id=696>



FIG. 02 - Diagrama da localização da Izidora no vetor norte de Belo Horizonte
 FONTE: <http://ouc bh.indisciplinar.com/?page_id=696>

O conflito, enquanto insurgência contra o Estado-Capital, é acompanhado pelo grupo de pesquisa da UFMG Indisciplinar, que possui duas grandes frentes de atuação junto às ocupações: auxilia na luta por moradia digna, sendo parte integrante da rede de apoiadores e da Mesa de Negociação de Conflitos Fundiários com o Estado de Minas Gerais; e observa, monitora e denuncia irregularidades jurídicas e urbanísticas das Operações Urbanas².

Desde o início da luta tentou-se trazer à população um pouco da realidade vivenciada pelas ocupações, a diferença do que é produzido ali (num sentido amplo do que é pensado como produção) e o que é oferecido por empreendimentos como o MCMV. Dessa forma, o Indisciplinar, por meio da disciplina UNI 009 - Cartografias Emergentes, ministrada pela professora Natacha Rena na Escola de Arquitetura da Universidade Federal de Minas Gerais, teve isso como um de seus objetivos: mapear a cultura na Izidora.

Aqui, a cultura é vista em sua dimensão antropológica, como a produção da interação social dos indivíduos, suas formas de pensar, agir e sentir, construir valores, identidades e rotinas (BOTELHO, 2001). Dessa forma, cartografar as práticas cotidianas e culturais das ocupações surgiu como alternativa para que pudessem ser apresentados aspectos positivos de seus modos de vida, como sincretismo religioso, culturas híbridas, inteligências coletivas - as “gambiarras” como táticas e inventos, brincadeiras, além de outras espacialidades do comum.

2. Objetivos e justificativa

A atuação tecnopolítica envolvendo um amplo processo cartográfico na luta da Izidora vem agindo contra o urbanismo neoliberal na tentativa de garantir uma posição que busca criar, experienciar e aplicar processos que popularizam e sensibilizam a informação, criando tecnologia social. Além disso, qualifica as lutas pelo comum, no caso, uma área gigantesca abandonada pelo poder público e sem cumprir sua função social que deveria estar garantida pela Constituição Brasileira.

Utilizando diversos dispositivos de investigação, o grupo de pesquisa adotou como uma das estratégias principais a cartografia táctica do território e dos modos de vidas singulares nestas ocupações que oferecem uma alternativa à vida formalizada e endividada das famílias pobres nas metrópoles contemporâneas. Junto de representações apresentadas ao Ministério Público, outras formas de registrar e divulgar a vida cotidiana dos moradores destas ocupações ganhou espaço no conjunto da copesquisa. Agora, parte deste processo é útil para o debate na mesa de negociação criada pelo Estado reunindo ocupantes, movimentos sociais organizados, universidades e representantes de diversos órgãos do Estado.

3. Método cartográfico

O método cartográfico utilizado neste processo não pretende atingir um objetivo fixo por meio de um caminho linear como as cartografias tradicionais próprias da geografia, mas sim tem seu foco no processo e as consequentes relações e informações produzidas. A forma colaborativa de realização do mapeamento não faz separação entre o objeto mapeado e os sujeitos envolvidos, visto que ambos estão em constante modificação, e se interferem e influenciam mutuamente. A cartografia aqui tem características de rizoma, conceituadas por Deleuze e Guattari (1995), de forma desordenada, horizontal, conectável e em constante mudança. Ela cartografa ao mesmo tempo que constrói, produz teoria e ação em um mesmo plano e é dinâmica misturando sujeito e objeto na constituição de novos mundos traçados em com-junto. Portanto, a cartografia no desenvolvimento desse trabalho tem sido, então, não somente um método da geografia clássica territorial, mas uma tática micropolítica cotidiana composta pela ação política que pode contribuir para a configuração de processos constituintes.

O mapeamento articulado com o registro e a criação de novas realidades de maneira colaborativa possibilita a produção de conhecimentos baseados em um processo de investigação ativista, engajado (não partidário) e militante (não ideológico) (BERQUÓ, RENA, SÁ, 2014). Além disso, faz com que os instrumentos de representação espacial sejam cada vez mais difundidos para além dos tradicionais detentores de produção cartográfica, mas apenas como mais um dispositivo utilizado no processo de mapeamento territorial georreferenciado dentro de um amplo método da cartografia que inclui relações experimentadas e vividas em processo constante de transformação, muito mais amplos e rizomáticos do que os processos do simples mapeamento territorial.

As copesquisas cartográficas realizadas com base na cultura existente nas ocupações urbanas da Região da Izidora possuem uma série de ações tecnopolíticas. A sensibilização e transmissão de informação, além da possibilidade de ação colaborativa potencializam a pesquisa e conectam diferentes linhas de investigação, tornando a pesquisa inclusiva e empoderadora.

4. Resultados (em processo) da Cartografia da Cultura na Izidora

Utilizando a base teórica e metodológica de um projeto já existente desenvolvido pelo Indisciplinar denominado “Cartografias Emergentes da Cultura” (edital MINC/ CNPQ), desenvolveu-se um método específico para realização da cartografia da cultura na Izidora especificamente como parte das atividades de uma disciplina aberta para toda a graduação da UFMG e que tem por objetivo elaborar cartografias como copesquisa experimental, envolvendo lutas urbanas da Região Metropolitana de Belo Horizonte.

4.1 Plataforma Colaborativa MapaCultura BH

Para a utilização do Mapa CulturaBH (FIG.03), já existente, georreferenciado e alimentado a partir de outras pesquisas, foi necessário repensar as categorias já utilizadas na plataforma. A possibilidade de modificação da plataforma foi parte importante na estruturação metodológica do processo, de forma que debates a respeito das categorias se fizeram necessários para compreender e abranger a cultura da forma que a cartografia realizada se propôs a englobar.

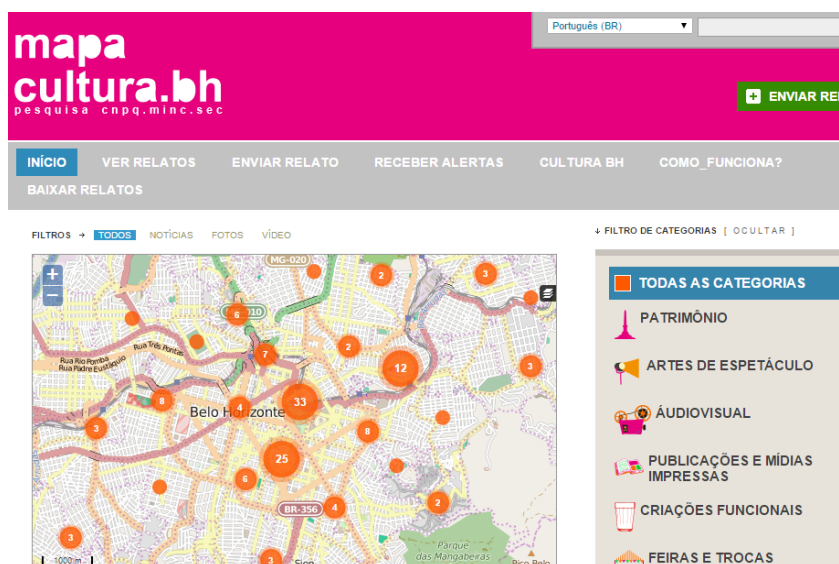


FIG. 03 - Printing do crowdmap CultraBH

FONTE: <<https://culturabh.crowdmap.com/main>> acessado em 13/07/2015

O uso da plataforma também interferiu diretamente na metodologia de outra forma: a necessidade de georreferenciar os relatos em um território informal, cujos endereços não constam na base do mapa utilizado, implicou na adoção de mapas físicos das ocupações durante a visita, de forma a possibilitar uma posterior localização dos itens levantados na plataforma (FIG.04).



FIG. 04 - Categorias do Crowdmapping MapaCulturaBH

FONTE: <<https://culturabh.crowdmap.com/>>

4.2 Processo cartográfico durante a disciplina Cartografias Emergentes

O processo foi iniciado com a divisão da turma em 3 grupos heterogêneos, de forma que cada um ficasse responsável por uma das ocupações da Izidora. Na visita ao território, foram realizadas conversas com atores da comunidade, derivas conduzidas por mapas impressos ou guiados por moradores, e registros diversos com câmeras de vídeo e de fotografia, desenhos, etc.

Realizou-se uma discussão posterior à visita, já tendo os pontos levantados, a respeito das categorias da plataforma utilizada, como proposto inicialmente. Tendo em vista os aspectos os quais iriam se evidenciar, foram adicionadas as categorias “Culinária”, “Religiosidade” e “Hortas, Jardins e Pomares”, além da subcategoria “Invenções do Cotidiano” dentro da categoria já existente “Criações Funcionais”.

Assim, foi feita a transferência dos dados coletados no mapeamento físico e coletivo, realizado nos territórios das comunidades e dos grupos envolvidos no programa para o mapa digital.

Por fim, foram produzidas peças gráficas que sintetizam o processo e geram um material como resultado de forma que possa ser distribuído tanto na comunidade acadêmica quanto nas comunidades e nos grupos parceiros, assim como serem utilizados em peças de representação jurídica. Foram produzidos flyers (FIG.05) e vídeos/ videocartografia (FIG.06) sobre os personagens envolvidos na copesquisa cartográfica, com posterior divulgação em redes sociais e no Blog do Indisciplinar voltado para Operações Urbanas. Além disso, foi realizada uma

postagem descrevendo o processo aqui tratado no blog geral do grupo de pesquisa².



FIG. 05 - Print de trechos do blog OUCBH

FONTE: <http://oucbh.indisciplinar.com/?page_id=696> acessado em 13/07/2015



FIG. 06 - Print de trechos do blog indisciplinar.com

FONTE: <http://oucbh.indisciplinar.com/?page_id=696> acessado em 13/07/2015

4.3 Proposta na mesa de negociação Izidora

Nas ocupações da Izidora, perante situação emergencial posterior ao processo aqui descrito, frente a mais uma ameaça de despejo, a cartografia da cultura serviu também para levantar material que foi então utilizado na elaboração

² Para visualizar estas postagens acessar: <http://oucbh.indisciplinar.com/?page_id=696>

de uma contraproposta ao projeto do “Minha Casa, Minha Vida” proposto para ser implantado naquela área. Isso ocorreu de tal forma que os modos de vida existentes nas ocupações constituíssem as diretrizes para adequação do projeto proposto pela Direcional, para que a construção de espaços flexíveis e de múltiplo uso; a possibilidade de integração entre moradia, trabalho e comércio; o espaço que comporte animais domésticos, para transporte e subsistência; jardins, hortas e quintais; além locais de encontro, vizinhança e sociabilidade fossem considerados e incluídos ao projeto de moradia que feito àquela região.

5. Conclusões

A Universidade tem um papel importante e deve atuar positivamente na sociedade como um todo, não só de forma destituente, impedindo ações prejudiciais e irregulares, mas também de forma constituinte, sempre propondo melhorias e atuando junto à construção de uma cidade melhor. Quando envolvida em processos relacionados à cultura e território, como na cartografia da cultura, atua tecnopoliticamente de forma que dá visibilidade à riqueza constituída nestes espaços alternativos à cidade formal.

A cartografia da cultura, através de ensino, pesquisa e extensão e ações tecnopolíticas se mostra em exemplos como esse como uma forma de auxiliar na defesa das comunidades em estado de vulnerabilidade social, como as ocupações urbanas e suas lutas territoriais. A importância da valorização de outros modos de vida que envolvem uma cultura diversa dos modos de vida dos grandes centros metropolitanos tem sido uma das estratégias no campo tecnopolítico da cartografia enquanto copesquisa engajada e politicamente ativa.

Por meio da copesquisa cartográfica foi possível também garantir uma troca de saberes entre a população residente e os pesquisadores envolvidos no trabalho, que obtiveram uma atuação mais colaborativa e menos autoral frente às ocupações, isso tudo de forma desierarquizada. Aqui, a produção de conhecimento e o ativismo se sobrepõem ao cotidiano acadêmico e das lutas.

Vale ressaltar que o processo cartográfico aqui descrito, por mais planejado que seja, justamente por seu caráter rizomático, se modifica e segue direções que o planejamento não consegue prever. Isso se mostra claramente comparando os resultados dos grupos de cada uma das ocupações. Os grupos foram a campo tendo o mesmo planejamento, os mesmos materiais como base, o mesmo número

de pessoas, e adotaram uma mesma estratégia inicial que se modificou (também de maneiras e intensidades distintas) ao longo da deriva, e isso implicou em resultados não homogêneos.

6.Referências

BOTELHO, Isaura. **As dimensões da cultura e o lugar das políticas públicas**. São Paulo, 2001.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. **Commonwealth**. El proyecto de una revolución del común. Madrid: Akai, 2009.

BERQUÓ, Paula; RENA, Natacha; SÁ, Ana Isável. **Cartografias Emergentes e Cultura**, Blog Indisciplinar, UFMG, Belo Horizonte, 2014. - disponível em

<<http://blog.indisciplinar.com/relatorios-tecnicos-de-pesquisa/>> acesso em 02/07/2015

<<http://blog.indisciplinar.com/cartografia-da-cultura-nas-ocupacoes-da-izidora/>> acesso em 02/07/2015

<<http://ouc bh.indisciplinar.com/>> acesso em 02/07/2015

<http://ouc bh.indisciplinar.com/?page_id=696> acesso em 02/07/2015

RENA, Natacha; MAIA, Marcelo; MENDES, Octávio. **Natureza Urbana e Tecnopolíticas Indisciplinares**. Blog Indisciplinar, UFMG, Belo Horizonte, 2015. disponível em: <<http://blog.indisciplinar.com/artigos/>> acesso em 02/07/2015